



Alea: Estudos Neolatinos

ISSN: 1517-106X

alea@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Darabus, Carmen

Aharon Appelfeld .língua e identidade

Alea: Estudos Neolatinos, vol. 16, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 127-134

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33030629009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

AHARON APPELFELD. LÍNGUA E IDENTIDADE

AHARON APPELFELD. *LANGUAGE AND IDENTITY*

Carmen Dărbuș

Universidade Técnica Cluj-Napoca
Centro Universitário Nord Baia Mare
Baia Mare, Romênia

Resumo

O artigo analisa a maneira como a língua falada constrói a identidade étnica e artística antes, durante e após a experiência do campo de concentração no livro de memórias *História de uma vida*, de Aharon Appelfeld. As línguas de sua infância – o alemão (a língua materna), o iídiche (a língua dos avós) e o ucraniano (a língua oficial do meio social) –, entremeadas por palavras romenas, são as raízes estáveis na busca de uma nova identidade assumida em Israel a partir do uso da língua hebraica, aprendida em um contexto cultural específico.

Résumé

L'article analyse la manière dont la langue parlée construit l'identité ethnique et artistique avant, pendant et après l'expérience du camp de concentration dans le livre mémoires *Histoire d'une vie*, d'Aharon Appelfeld. Les langues de son enfance – l'allemand (la langue maternelle), l'yiddish (la langue de ses grands-parents), l'ukrainien (les langues officielles du milieu social) –, parsemées de mots roumains, sont les racines stables dans la quête d'une nouvelle identité assumée en Israël par l'emploi de la langue hébraïque, apprise dans un contexte culturel.

Abstract

This paper analyzes the way in which language built the ethnical and the artistic identity before, during and after the experience of the concentration camp, in *The Story of a Life*, Aharon Appelfeld's memories. The languages of his childhood – German (his mother tongue), Yiddish (his grandparents' language), the Ukrainian and the Romanian language (the official languages of the milieu) are the stable roots in the search of a new undertaken identity by the Hebrew language, learnt in a cultural context.

Palavras-chave: identidade linguística – identidade cultural; memória.

Mots clés: identité linguistique-identité culturelle, mémoire.

Keywords: linguistic identity-cultural identity; memory.

Uma identidade cultural tem como base um conjunto de padrões, que têm o papel de unificar de maneira organizada as experiências recorrentes ao longo da história de um grupo social, de uma comunidade. Esses padrões (transformados em estereótipos em sua variante degradada) se estruturam em um longo período de tempo e se comunicam com o mundo exterior a partir de diversos

* (APPELFELD, Aharon. *Povestea unei vieți*. Iași: Polirom, 2009: 190.)

* (WALD, Henri. *Exprimitatea ideilor*. București: Ed. Cartea Românească, 1986: 77.)

(MILANCOVICI, Speranța. Problema identității și intelectualii evrei ai interbelicului românesc. *Studii de știință și cultură*. Arad: Vasile Goldiș University Press, VI/3, 2010: 81.)

* (APPELFELD, Aharon. *Povestea unei vieți*. Iași: Polirom, 2009: 7.)

* (*Ibidem*: 9.)

tipos de códigos culturais: “a realidade, mesmo que manifestada concretamente, produz símbolos”.* A identidade linguística tornou-se parte da identidade cultural – pois as coisas nada significam antes da concretização pela fala, “a única capaz de transformá-las de fenômenos naturais em símbolos de cultura”.* Um lugar especial foi ocupado pelos falantes de origem judaica, que por muito tempo não tiveram uma pátria que os representasse, conservando e disseminando sua cultura em condições especiais, alguns até mesmo se deixando assimilar pelo país de adoção. Apesar dessa assimilação, todos os judeus, sem exceção, foram tratados da mesma maneira, sendo submetidos à mesma exterminação.

Na literatura proteiforme da experiência do campo de concentração, o livro de Aharon Appelfeld, *História de uma vida*, aproxima-se mais de um relato sobre a construção de uma identidade do que de uma experiência pessoal durante o Holocausto. Mesmo que para o autor a experiência com a língua romena tenha sido bem limitada dentro do contexto geopolítico da época, o tipo de experiência vivido nos confins de diversas culturas (migrações Balcânicas ou da Europa Central, em direção ao Ocidente ou até mesmo ao Oriente) nos é familiar: “O paradigma das personalidades de origem judaica em uma cultura romena é impressionante, uma parcela significativa dentre os nomes incluídos nessa galeria se afirmam posteriormente na vida sociocultural ocidental, sobretudo francesa”.* A história da vida do autor começa em Chernivtsi, onde viveu até os oito anos de idade, quando foi deportado para o campo de concentração devido à sua origem judaica. A narrativa se apresenta desde então por meio de saltos temporais sinuosos, indiferente à cronologia de uma memória diacronicamente construída. A memória, o sonho e a imaginação têm o papel de dar um significado aos momentos importantes de sua vida, que se diluem com o passar do tempo: “Dos anos da guerra tenho poucas lembranças, como se não tivessem sido seis anos ininterruptos.”*

O que ele chama de “a voz do corpo” substitui a memória consciente, ajudando-o a organizar seu passado em busca de uma reconciliação consigo mesmo e a se opor naturalmente ao esquecimento necessário para a superação: “Lembrança e esquecimento, sensação de caos e impotência de um lado, em contraste com a aspiração a uma vida melhor de outro”.* Essa “voz do corpo” aparece como um *leitmotiv* de função unificadora no seio de uma cronologia subjetiva e disforme, pois a memória tem suas raízes na ressonância indivi-

dualizada do corpo. As intensas sensações físicas orientam a saída para a superfície de fragmentos de lembrança, fato esse que marcará, artisticamente, a obra de Aharon Appelfeld e sobretudo esse livro, que não é um testemunho clássico, mas o desvelamento de um processo formativo, pois a tragédia não foi vivida pelo adulto que racionaliza, abstrai, classifica, mas pela criança dominada pelas emoções. “A cultura é a unidade entre a linguagem e as paralinguagens. Todo o resto é silêncio”^{*} – aqueles silêncios posteriores aos traumas, como forma de retorno à natureza originada de um desejo inconsciente de um renascimento em uma outra cultura.

Três camadas da lembrança são identificadas na perspectiva do presente: a primeira diz respeito ao aspecto idílico da vida nos Cárpatos, ao lado dos pais, avós, tios, tias e primos – lembrança iluminada que sustentará posteriormente sua resistência, criando as bases para uma identidade linguística heterogênea porém ainda mais rica: “Aqui, ele tem momentos de felicidade intensa; um período em que a memória é construída a partir dos sentidos e da contemplação. É, por exemplo, a surpresa de ouvir seus avós falando o iídiche, uma língua que ele não conhece, visto que sua língua materna é o alemão”;^{*} a segunda camada é o ferimento e a enorme cicatriz deixados pela guerra; a terceira camada, consistente, com subdivisões referentes a um trajeto rumo à estabilização, foram os anos passados em Israel. Cada camada envolve diferentes relações entre as línguas, que, permeadas pela linguagem defensiva do silêncio do campo de concentração e pela longa experiência pós-campo, misturam o discreto silêncio da casa calma de Chernivtsi e a predileção do avô materno pelo silêncio. Assim, as palavras ultrapassam a função técnica, sondando os segredos do “eu” velado: “A linguagem é o mais técnico dos sistemas de mensagens. É usada como um modelo para a análise dos outros. Além da língua, existem outras maneiras de o homem se comunicar, que podem reforçar ou negar o que ele disse com as palavras. O homem aprende a ler diferentes segmentos de um espectro de comunicação cobrindo desde eventos de uma fração de segundo até eventos de muitos anos”.^{*}

A ausência de palavras durante a infância, antes da gutificação e da deportação é, na perspectiva do autor, o signo do encanto em que ele se deixa incluir em diversos contextos. Na percepção da criança, uma outra forma de silêncio é a falta de uma iniciação profunda na fé judaica: “As pessoas sentam nos bancos e se calam. Eu me dou conta dolorosamente de que elas se calam porque não

^{*} (WALD, Henri. *Expressivitatea ideilor*. București: Ed. Cartea Românească, 1986: 85.)

^{*} (COUTON, Hervé. “Histoire d’une vie de Aharon Appelfeld”, 2000: <<http://www.arkheia-revue.org/Histoire-d-une-vie-de-Aharon.html>>)

^{*} (HALL, E. T. *The Silent Language*. New York: Fawcett World Library, 1969: 38.)

sabem rezar”.* As visitas à sinagoga em companhia de seu avô são momentos nascentes do contato com a identidade étnico-religiosa no sentido da tradição, que terão continuidade mais tarde em Israel, cumprindo as diversas etapas de seu envolvimento crescente com a tradição judaica. Ao lado do avô materno, Onkel Félix é uma outra referência do passado tradicional e religioso: segmentos de ritual como, por exemplo, cobrir a cabeça com o quipá antes de tocar um livro hebraico, estabelecem a conexão entre a palavra escrita e uma determinada comunidade. Ele também usa provérbios do Talmud e provérbios latinos, segundo as circunstâncias da vida. No gueto e no campo de concentração, a ausência de palavras é sinal da normalidade, do resguardo da coerência interior; o descontrole exterior era sinônimo de fraqueza, de desequilíbrio: “Passei a desconfiar das palavras durante esses anos. O fluxo verbal solto desperta suspeitas. Prefiro o gaguejar, que me faz ouvir o conflito e a angústia, o esforço para purificar as palavras, o desejo de dar algo de si. As frases polidas que fluem despertam em mim uma sensação de impureza, que tenta cobrir um vazio, uma nudez”.* A imensidão do silêncio camuflando traumas será afogada em um oceano compensativo de palavras, cujo sentido o jovem Appelfeld não compreende. As mortes de sua mãe e de seu tio Félix no gueto marcam o fim de sua infância. O ruído estridente de sua mãe antes da morte é uma forma de anular a linguagem articulada, traduzindo assim, de uma maneira apoteótica, a desarticulação entre o mundo exterior e interior, que só serão reestruturados tempos depois.

A memória composta por aluviões determina um ponto de partida (aos quatro anos) em um elemento linguístico – a palavra “*Erdbeern*”, gritada por sua mãe durante uma de suas caminhadas pelas florestas protegidas dos Cárpatos, palavra superposta à imagem dos intensos frutos vermelhos; a imagem da mãe morta no gueto tem uma ligação direta com o alemão, enquanto que a imagem dos avós está ligada ao iídiche, pois outra palavra, “*mestame*”, gera a memória involuntária das associações: “Minha mãe e eu falamos alemão. Às vezes parece que para minha mãe a maneira de falar dos meus avós é embaraçante e que ela preferiria não ouvir a língua deles”.* O uso do alemão é uma forma de tomar alguma distância com relação à tradição, construída, é verdade, com base nos fundamentos de uma velha cultura, negada pelo pai. O iídiche e o alemão são as línguas da família, enquanto que o ucraniano foi a língua do meio em que se instalaram em determinado momento,

no passado. A servente rutena ensina-lhe palavras em sua língua materna, que se misturam, após anos de convívio com uma família judia, com palavras em iídiche. Uma outra língua presente no meio social é o romeno (que ele também aprenderá, até um nível considerado por ele como insatisfatório), que se torna uma língua oficial depois que a Bucovina passou a ser administrada pelos romenos:

Nós fomos cercados por quatro línguas que, como em uma estranha simbiose, viviam em nós, completando-se harmoniosamente. [...] Essas quatro línguas criaram juntas uma nova língua, rica de nuances, contrastes e humor satírico. Nessa língua havia muito espaço para sensações, nuances sentimentais delicadas, fantasias e lembranças. Essas línguas não vivem mais em mim hoje em dia, mas ainda sinto suas raízes em minha alma. Às vezes, é preciso uma única palavra para rever magicamente cenas inteiras.*

** (Ibidem: 139.)*

Ele notará a divisão posteriormente, em Israel, onde “em várias ocasiões discutirá com os instrutores de jovens, enviados para a Palestina. Eles exigiam o hebraico, ele lutava pelo iídiche”.* O desapego com relação a uma língua e o aprendizado de outra é, muito frequentemente, uma forma de assumir uma nova identidade, uma forma de esquecer a antiga. Aqueles que conseguiram escapar do inferno do Holocausto, uma vez instalados na Terra Santa, seguirão um verdadeiro ritual de superação, e parte desse ritual envolve o aprendizado e a assunção da língua hebraica – que para Aharon Appelfeld vai coincidir com o desabrochar de sua vocação artística. Para o imigrante, quaisquer que sejam as circunstâncias, a formação de uma nova personalidade artística passará por uma sequência de dissociações, associações, negações e retornos em relação ao mundo em que se originaram e cujas raízes não podem ser extirpadas apenas formalmente:

** (Ibidem: 100.)*

a identidade narrativa/lírica e a identidade argumentativa (lógica) representam somente aspectos fragmentários da identidade pessoal. Cada um desses pilares determina atitudes distintas, tanto no que diz respeito à ética, ou ao gosto, ao justo, ou a outras normas desse tipo. Enfim, o problema da identidade e o modelo de referência do ser relativo a ela no mundo do texto se tornam uma forma de circunscrição da personalidade desse texto.*

** (MILANCOVICI, Speranța. Problema identității și intelectualii evrei ai interbelicului românesc. Studii de știință și cultură. Arad: Vasile Goldiș University Press, VI/3, 2010: 81.)*

Percorrendo diferentes espaços linguísticos e culturais (os lados ucraniano e romeno da região de Chernivtsi, o campo de Transnistrie, a Ucrânia após sua fuga do campo de concentração, Itália, Israel), ele só se conscientiza de sua cisão identitária ao chegar em Israel. O diário da criança de apenas quatorze anos – recém-

chegada em um país que deve ser assumido como seu país de origem e de retorno, de reconstrução de sua identidade – é composto em forma de mosaico, contendo palavras e fragmentos de enunciados, sem frases completas, coerentes, em alemão, iídiche e em ruteno, “gritos abafados de um adolescente de quatorze anos que havia esquecido todas as línguas que conhecia e que ficou sem nenhuma possibilidade de expressão”.* Se as quatro línguas da infância (o alemão, o iídiche, o ruteno e o romeno) tivessem sido normalmente sedimentadas durante sua infância, em torno da língua materna, teriam criado uma língua da emoção originada pela realidade, fora da qual não há uma arte autêntica (fato constatado posteriormente por Appelfeld). Mas as línguas presentes na Palestina em 1946 lhe pareciam exóticas, sem raízes na realidade emocional, sem um passado assumido e sem a base de construção necessária, que é a língua materna: “Sem uma língua materna, o homem é mutilado”,* pois só ela oferece o conforto moral e emocional do pertencimento: “As línguas que eu trazia comigo se dissipavam. O hebraico adquirido com muito esforço ainda não era fluente. Entretanto, o mais difícil de suportar era o sentimento da falta de pertencimento”.* Nos *kibutzim* criados com fins terapêuticos, para extirpar o passado traumático, o uso das línguas maternas pelos recém-chegados foi proibido – como uma forma de tomar consciência do fato de que essas línguas constituem um dos pilares fundamentais para a formação da identidade. A mãe e a língua materna tornam-se simbióticas na lembrança do narrador; a morte da mãe no início da guerra é o signo da desagregação que ele ainda não é capaz de separar conceitualmente na trágica metamorfose dos anos posteriores. A interdição da língua materna inibe a capacidade de exteriorização que permite dissimular o que acontece na vida interior, fazendo com que os traços de caráter se tornem mais transparentes. O “eu” se transforma, para Appelfeld, em uma prisão interior de onde ele sai somente durante os raros momentos em que encontra parceiros para dialogar nas línguas de sua infância. Recusando a imediata aquisição do hebraico coloquial, como fizeram aqueles que se adaptaram rapidamente ao novo meio, pois “a tagarelice é uma ruidosa manifestação do silêncio”,* ele opta pela expectativa de penetração na natureza profunda da nova língua, alternando entre o ódio, a hesitação e o entusiasmo, compreendendo que a substituição da língua materna por outra língua supõe uma complexa contextualização em relação à cultura e à civilização ligadas

* (APPELFELD, Aharon. *Po-vestea unei vieți*. Iași: Polirom, 2009: 137.)

* (*Ibidem*: 138.)

* (*Ibidem*: 176.)

* (WALD, Henri. *Expresivitatea ideilor*. București: Ed. Cartea Românească, 1986: 84.)

a essa língua: “Sem uma língua, o homem não fala. Minha língua materna, que amei bastante, morreu em mim após dois anos passados nesse país. [...] Assim que cheguei à Palestina, odiei aqueles que tentavam me impor a língua hebraica, e agora, após a morte da minha língua materna, minha aversão a eles só cresceu”.* Em sua relação com a língua materna não faltam dilemas morais: o alemão é a língua dos assassinos de sua mãe, logo a aversão a essa língua deveria ser também um gesto concreto de protesto. Complexado, ainda despreparado para esquecer seu passado e impondo a si mesmo uma mentalidade de diáspora, ele sentia que as noções elementares do hebraico, rapidamente assimiladas, não eram suficientes para se reconstruir. Aprende com Dov Sadan que muitos escritores importantes de Israel são bilíngues. Os antigos sedimentos e o complexo de diáspora se unem à fraqueza e à indolência. Assim, o iídiche, a única língua que provocava nele emoções, que lhe dava o sentimento de pertencimento (ele encontrava em uma língua órfã um traço de identificação), ajuda-o a recuperar suas antigas raízes sem as quais as novas não podiam se manifestar. A procura e o encontro dos pais espirituais – o filósofo Gershom Scholem e o escritor Samuel Aragon – vão ajudá-lo a esclarecer suas opções, a se reconstruir após uma longa desintegração, reavaliando a literatura iídiche conforme sua estrutura interior e em função das transformações por que passou; a opção pela literatura é feita no momento em que compreende que ela é “a melodia da fé perdida”;* ela deve ser uma sublimação da verdade, assim como seu diário do final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Aqui os pontos de referência são a imagem de uma realidade em simbiose com a língua usada, fragmentos originados espontaneamente pela memória, experiências que parecem, inicialmente, tornar mais lenta a integração, mas que o transformarão em um ser humano autêntico: as lembranças da casa dos pais e da casa dos avós estão em alemão e em iídiche, enquanto as lembranças da construção da vida em Israel estão em hebraico. A qualidade da língua é proporcional à profundidade da integração, desde as camadas superficiais até as camadas profundas, da imitação até a real aceitação, em todas as articulações de uma personalidade criadora, para além das ideologias limitadoras, as quais ele se recusa a seguir cegamente para não trair a si mesmo, demonstrando uma admirável honestidade na vida e na obra: “Mais do que tudo, lutei para aprender a língua hebraica, que eu queria adotar como língua materna. Desde muito

* (APPELFELD, Aharon. *Po-vestea unei vieți*. Iași: Polirom, 2009: 143.)

* (*Ibidem*: 143.)

* (*Ibidem*: 151.)

jovem e não sabendo ainda que o destino me levaria para a literatura, senti instintivamente que sem um íntimo conhecimento da língua hebraica, minha vida seria superficial e mesquinha”.* Assim, sua atitude com relação à língua hebraica acaba se transformando em um elogio.

O tempo passado no serviço militar é um momento de reviravolta em sua vida; durante esse período ele vive a revelação de que não precisa fazer esforço para esquecer ou para lembrar. O que está destinado a ficar na memória e a constituir uma base para o futuro perdurará. O que está destinado ao esquecimento desaparecerá para sempre. O esquecimento e a lembrança só podem se manifestar espontaneamente, sendo qualquer tentativa de manipulação um fator de inibição. A emoção (positiva ou negativa) é espontânea, é uma forma de dominar de uma maneira profunda os sentidos do mundo: “pela palavra, as emoções e as percepções se tornam as conotações e denotações das significações linguísticas e assim começa a compreensão do mundo e sua apreciação”.* A palavra é ao mesmo tempo concreta e abstrata. É por essa razão que a aproximação com a nova língua em um contexto cultural, e não estritamente técnico, é a única durável e credível, pois “somente os sentimentos e as ideias originadas a partir de algo concreto têm o direito de existir”.* Ou: “O destino do abstrato é ficar colado a nós em um primeiro momento, para desaparecer em seguida. Somente as palavras que criam imagens ficam em nossa memória. Todo o resto não tem nenhuma importância”.* Teorias antagônicas em relação à função da palavra, como o platonismo e o empirismo, se encontram na ideia wittgensteiniana sobre a interiorização da linguagem tanto na experiência individual quanto na maneira pessoal de usar as palavras. As línguas faladas anteriormente ao hebraico são lugares simbólicos da consciência, da coagulação de um “eu” nascente, de uma identidade não unitária, porém não ausente, e fortemente personalizada, o que constitui um benefício para o artista.

*Tradução do francês de Yure Romão
(Bacharel em Letras/ UFRJ)*

* (WALD, Henri. *Expressivitatea ideilor*. București: Ed. Cartea Românească, 1986: 77.)

* (APPELFELD, Aharon. *Povestea unei vieți*. Iași: Polirom, 2009: 191.)

* (*Ibidem*: 203.)

Recebido em
14/10/2013

Aprovado em
05/12/2013

Carmen Dărăbuș é Doutora em Literatura pela Universidade de Bucareste. Tem sete livros publicados nas áreas de Literatura Comparada e de Estudos Culturais e prepara atualmente um livro sobre a antiga literatura iugoslava. E-mail: <c.darabus @ gmail.com>